

## Paulo Ferreira da Cunha, pensador, pintor e diretor do Cemoroc

Aida Hanania<sup>1</sup>

É para mim uma grande honra prestar esta modesta homenagem ao Professor Doutor Paulo Ferreira da Cunha, recordando algumas de suas atividades como membro e diretor de nosso Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E também como refinado cultor das artes plásticas.

Quando o Prof. Paulo foi nomeado para a Suprema Corte de Portugal, junto com a alegria de vê-lo, merecidamente, alçado a tão importante cargo, tivemos também, por força de seu novo ofício, a tristeza de saber que não poderia mais exercer o cargo de Diretor de Relações Internacionais de nosso Centro, que tão brilhantemente (junto com o ilustre professor catalão, o Prof. Dr. Pere Villalba), ocupara até então. Coube a mim, a difícil missão de substituí-lo.



A autora no XVI Seminário Internacional Cemoroc (2015)

A dívida de gratidão que nosso Cemoroc – do qual nosso fundador, o Prof. Dr. Jean Lauand, generosamente, insiste em afirmar que sou co-fundadora – tem acumulado, ao longo de duas décadas, para com Paulo Ferreira da Cunha, é

---

<sup>1</sup>. Professora Titular aposentada do Departamento de Letras Orientais (árabe) da FFLCHUSP. Diretora de Relações Internacionais do Cemoroc - Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP.

inestimável: como diretor e conselheiro de tantas de nossas revistas internacionais, como autor de mais de 50 artigos nessas publicações, como organizador e brilhante participante de todos os nossos Seminários Internacionais Filosofia e Educação, desde o III, em 2002, até o XXII, previsto para 2021. E, claro, como Diretor de Relações Internacionais, atraindo para nossos eventos e publicações, inúmeros destacados intelectuais de todo o mundo.



XX Seminário Internacional Cemoroc (2019) sentados: a autora, Jean Lauand e PFC

Uma dessas inestimáveis aproximações (o Prof. Paulo, como muitos já destacaram nestes mais de cem textos em sua homenagem, é um contrutor de pontes e promotor de encontros) foi a de trazer para fecunda colaboração com nosso Centro, o destacado intelectual português, Prof. Doutor João Carlos Relvão Caetano, editor deste número de *International Studies on Law & Education*.

Conheci o Prof. Paulo precisamente em 24 de junho de 2002, em sua primeira participação em nossos Seminários Internacionais: uma deliciosa conferência sobre filosofia e arte – “As Virtudes Cardeais no afresco de Rafael” – na FEUSP. Imediatamente, sintonizei com a perspectiva de sua exposição – ele era então um jovem catedrático da Universidade do Porto – unindo filosofia e arte: precisamente a relação que – como docente e pesquisadora do Curso de Língua, Literatura e Cultura Árabes – ao longo de toda minha carreira, sempre procurei estabelecer: em meu caso, referente à cultura árabe.

Depois disto, convivemos em vinte Seminários Internacionais (e em diversos outros eventos do Cemoroc), em muitas reuniões de Conselhos Editoriais de nossas revistas e até em encontros informais no antigo Clube dos Professores da USP ou em restaurantes próximos ao campus da Universidade.

Nesses encontros foi-se formando uma imensa admiração pelo amplo espectro de temas que o Prof. Paulo domina em profundidade e pela criatividade com que nos abre horizontes nos campos do direito, da filosofia, das artes e na cultura em geral. É um destacado erudito, com profunda influência em intelectuais de todo o mundo, mas sem nenhuma afetação: sempre me impressionou o impacto que suas conferências despertam em nossos jovens estudantes e sua facilidade em comunicar-se com eles. Além de seu genuíno interesse, entusiasmo mesmo, pelos usos da linguagem comum e pela cultura – também a popular – do Brasil, sempre procurando aprender e vendo com olhar amoroso até os mais simples da gente do povo. Um dia, surpreendi-me ao ver na TV Justiça uma sessão do Supremo Tribunal Federal, na qual a ministra

(gaúcha) Rosa Weber dizia ter reparado, graças ao ilustre jurista português Paulo Ferreira da Cunha, que a inscrição na bandeira do estado do Rio Grande do Sul é: “Liberdade, Igualdade, Humanidade”.

Como dizia, muitas de minhas pesquisas têm sido dedicado às relações entre a língua e a cultura árabe e as artes árabe-islâmicas, notadamente a Caligrafia. Precisamente esta última, em árabe *Al-khat*, estabelece um vínculo entre as investigações que tenho realizado com a obra e o pensamento de Paulo Ferreira da Cunha, artista e pintor (qualidades suas que já têm sido objeto de diversos estudos de especialistas nestes volumes em sua homenagem). Fiquei muito lisonjeada por ter sido generosamente mencionada – precisamente pelo tema caligrafia árabe – na longa entrevista (que se encontra neste volume) que a Profa. Dra. Chie Hirose realizou com Ferreira da Cunha e na qual este declarou:

O estudo de caligrafia oriental, subsidiário da pintura, sempre me interessou e mesmo estive presente em aulas de pintura, como as dos meus professores Carlos Trindade e Joana Patrão.

À pergunta da entrevistadora : “Que relação com a palavra guarda a acentuada vocação para a pintura de PFC?”, o entrevistado começa por responder:

É um tema muito interessante. E o curioso, mais curioso ainda, é que é a primeira vez que falo nisso.

Antes de mais, eu tive uma relação sentimental com cada letra e cada número. Sem qualquer relação numerológica ou cabalística, eu lembro-me de gostar muito do 2 e do 7, do “d”, do “s”, do “p” e do “j”. E também do número 3. Neste caso e no do “p”, é identificação pessoal, porque nasci num dia 3 e, chamando-me Paulo, “P” era minha abreviatura (mais tarde, usei a letra grega Pi para assinar os meus quadros: ainda o faço).

Talvez valha a pena recordar aqui alguns aspectos da profunda relação que a escrita guarda com a *Al-khat* na cultura e religião islâmicas.

A sacralidade da língua árabe, como meio de propagação da Palavra, dá-se inicialmente na escrita, enquanto a língua oral permite uma manifestação no tempo do Texto Eterno. O próprio Alcorão confere à escrita e à caligrafia (em árabe expressas significativamente pela mesma e única palavra *khat*) a máxima dimensão hierática, sobrelevando o cálamo que as produz, como em 96, 3-5: “Recita! Teu Senhor é o Generosíssimo que ensinou o uso do cálamo, ensinou ao homem o que ele não sabia”.

Por manter viva a Palavra, é o cálamo o instrumento de Deus, e como tal, convoca a máxima reverência. Assim se inicia a sura denominada O Cálamo (68,1), em que Deus jura pelo cálamo:

Pelo cálamo e pelo que escrevem!

A Caligrafia define-se por um dinamismo grafofônico, na medida em que é escrita para ser ouvida no silêncio da fé que leva ao *Islam*. E é poesia para ser vista, contemplada, pela harmoniosa concepção do signo como unidade estética. Capaz de

abarcam pelo conteúdo e pela forma, a mensagem enviada por Deus, encontra, na mesquita, seu lugar natural.

A mesquita - não há altares, não há imagens, mas há letras árabes em toda parte. Esses sinais, curiosamente revoltos e cursivos aparecem pintados e esculpidos nas paredes, tecidos nos tapetes e nos medalhões que pendem do teto. A letra árabe é a razão de ser da mesquita. Por ser uma casa da escrita, é a mesquita uma casa de Deus. A mesquita é uma casa de leitura, porque leitura é prece<sup>2</sup>.

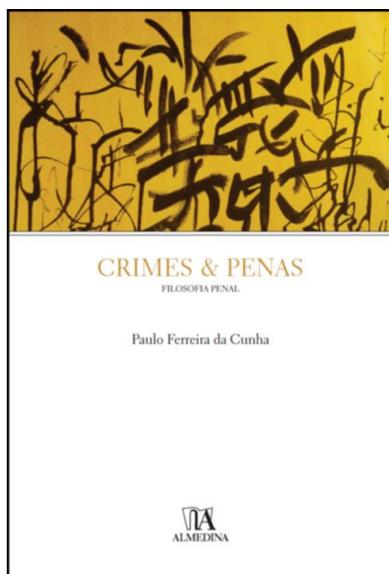
Expandindo ao fiel, o caminho da ascese, a Palavra escrita e recitada convoca-o pela fé, pela razão e pela emoção, permitindo-lhe o encantamento e, quiçá, o enalço paroxístico do Absoluto.

Exercendo as funções iconográfica e ornamental, a Caligrafia busca - pelo ritmo e pela cadência; pelo sentido e pela forma hierática - conferir ao ambiente sagrado do muçulmano uma dimensão imponente de inteligência e beleza, adequada ao encontro com Deus.

Ritmo e cadência obtidos pela repetição das letras, das palavras, das frases, pela repetição que é o arabesco, muitas vezes associado à caligrafia.

É interessante destacar aqui, a observação de T. Burckhardt:

In sacred inscriptions, the arabic letters combine fluently with arabesques, especially with plant motives, which are thus brought into closer relationship with the asiatic symbolism of the tree of the world; the leaves of this tree correspond to the words of the Sacred Book<sup>3</sup>.



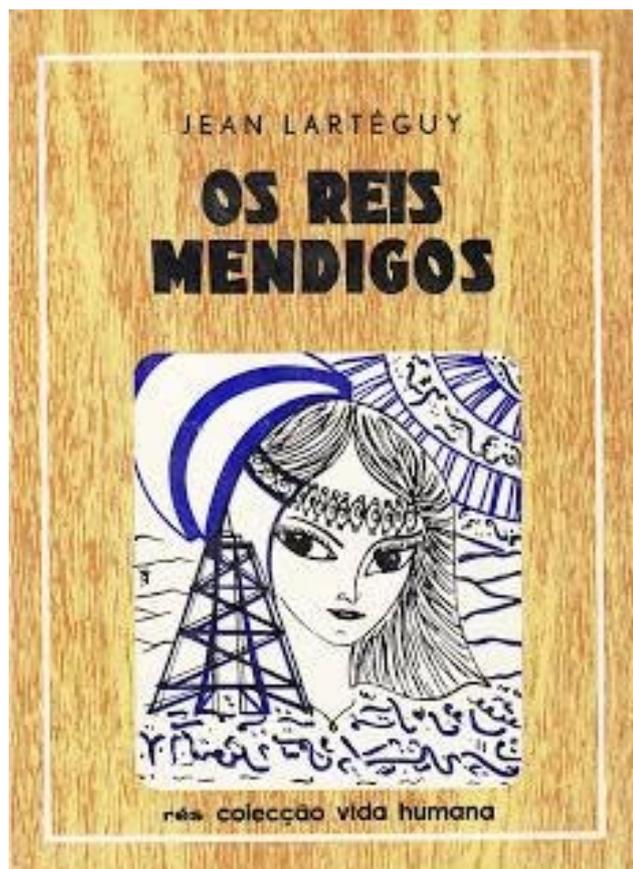
Diz PFC: “A capa do meu livro *Crimes & Penas* tem como ilustração um fragmento de um quadro meu, “Confúcio – retificar a linguagem”, todo feito de inventados caracteres”

<sup>2</sup>. Na inspirada formulação de V. Flusser, em seu artigo “Ex Oriente Lux”, citado por Lauand, L. Jean. - “Escrita e Caligrafia Árabes - A arte de H. Massoudy” na *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, nº 2, Centro de Estudos Árabes, DLO/FFLCHUSP, 1993, p. 31.

<sup>3</sup>. *Sacred Art in East an West*, Middlesex, G. Britain, Perennial Books, 1967, p. 116.

Dada sua estatura religiosa e considerando sua infinita gama de qualidades estético-estilísticas, a Caligrafia não se restringe apenas à mesquita: faz parte do ambiente didático da madrassa<sup>4</sup>; entra na composição decorativa da cerâmica, da tapeçaria e de mosaicos; alça-se aos cimos de monumentos e palácios; chega às tumbas; adquire, por vezes, no entanto, o caráter documental de uma época, pela celebração de nomes e de feitos de governantes; integra pergaminhos e livros científicos e literários, participando, assim, de instâncias que a fazem penetrar também no domínio do profano.

O renomado calígrafo Hassan Massoudy chega a afirmar que “em nenhuma tradição a letra esteve tão intimamente misturada ao cenário da vida”<sup>5</sup>.



Capa de livro, elaborada por PFC em seus verdes anos, evocando a escrita árabe

Das artes visuais do Islão, é a Caligrafia a mais nobre. E a de fundamento e concepção mais peculiares. Está longe de ser uma arte em substituição à imagem, esta mal vista por um Islão em que o combate ao politeísmo e ao totemismo é um ponto fulcral de doutrina. A Caligrafia é antes uma arte em que a letra - o signo - se faz imagem. Para além de seu significado hierático adquirido a partir do Islão, as razões de valorização do signo encontram-se na mais longínqua Arábia pré-islâmica.

<sup>4</sup>. Em árabe, *escola*, sobretudo no sentido da escola agregada à mesquita, preocupada com o estudo alcorânico.

<sup>5</sup>. Hassan Massoudy, *Le Chemin d'un Calligraphe*, Paris, Phébus, 1991, p. 11.



“Não será a bondade a recompensa da bondade?” (Alcorão 55,60). Caligrafia de Hassan Massoudy

Impõe-se aqui, o percurso que leva de volta à realidade primeira do homem árabe, ao nomadismo, ao âmago da Península que proporciona a intimidade com o deserto. Deserto que parece ser o manancial do questionamento e da resposta; da angústia; do sofrimento; da coragem, mas também da beleza; sobretudo por ser o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação, a não ser a do silêncio que, eloqüentemente, o povoa.

Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta.

Com efeito, num mundo habitado por miragens, a imagem ganha contorno de mentira, de fantasia; não tem significado real. É o deserto, o mundo do invisível; e, principalmente, um mundo sônico.

Os meios de expressão artística, já na primitiva realidade árabe, são, compreensivelmente, a música e a poesia: duas vertentes essenciais que procedem do espírito e a ele retornam, suprimindo a necessidade de beleza e de ligação com o mundo de que todo homem não prescinde; o errante em particular.

A palavra avulta em importância por materializar a poesia que se mistura ao canto e com ele freqüentemente se identifica.



PFC pintando em São Paulo

Ligado muito mais ao tempo que ao espaço, o homem do deserto aproxima-se da realidade por meio de signos abstratos que se traduzem, desde sempre, na forma de dizer, de escrever e de entoar...



“Revista de Estudos Árabes” - Caligrafia de Hassan Massoudy para a capa da *Revista de Estudos Árabes* do DLO-FFLCH-USP.

O agudo senso rítmico, típico do nômade - que se manifesta na marcha, na dança, na música - encontra sua expressão mais justa na prosódia árabe, chegando à retórica e à poesia, através de uma expansão de pensamento que adquire precisão por meio de paralelismos e inversões de raciocínio estritamente interligados.

Não raro, as comparações e imagens de que se vale o Alcorão para fixar preceitos, correspondem a esses elementos familiares ao povo árabe.

Tomemos, para exemplo, a Sura 24, versículo 39, em que os empreendimentos dos infiéis são comparados à miragem (*kassaráb*):

As obras dos infiéis são como miragem no deserto: o muito sedento pensa que é água, até que lá chegando, não encontra nada.

Por outro lado, “que é, de início, o próprio Alcorão - indaga Massoudy - senão uma música, um discurso cadenciado, destinado a ser aprendido de cor, quer dizer, conforme o ritmo do coração que bate, o ritmo dos passos do caminhante ou de sua montaria?...”<sup>6</sup>.

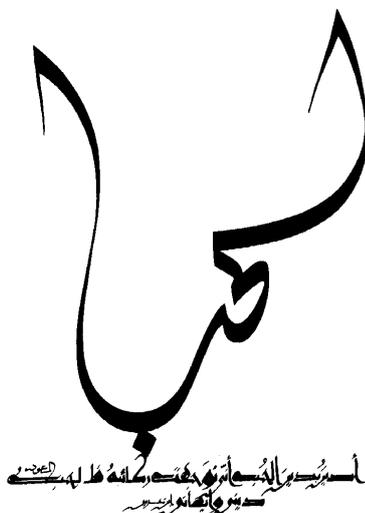
Pode-se dizer que o Alcorão tem uma “ossatura árabe”, tanto no que se refere à matéria simbólica de seu conteúdo, quanto à de sua forma. A massa conceitual parece moldar-se pelo cotidiano, pela língua e pela mentalidade do árabe/beduíno.

A forma de expressão cifrada - e a caligrafia é, por excelência, comunicação cifrada - ainda que lembre a poética, remete a uma ancestralidade semítica, evidente já

---

<sup>6</sup>. Hassan Massoudy, *Le Chemin...* op. cit., p. 10. Note-se que o artista, no original francês joga com o duplo sentido de *coeur* em *par coeur* e *coeur qui bat* (acumulação semântica que se dá também no nosso *de cor*, embora para nós menos evidente). O artista imprime assim como que um ritmo a sua própria expressão.

no dizer do apóstolo Paulo, quando afirma que os semitas buscam sinais (*ayyát*), contrapondo-se aos gregos que pedem sabedoria de argumentação racional (I Cor 1, 22).



“Tenho a religião do amor...” (Ibn-Arabi). Caligrafia de Hassan Massoudy

Não devo me estender mais nesta já longa digressão, motivada pelo fato de que nosso homenageado coincida, em alguns aspectos, com a sesquimilenar arte árabe de *Al-khat*, recordando, assim, algumas de nossas inesquecíveis tertúlias ao longo destes vinte anos. Reflexões que se dirigem a homenagear quem tanto têm feito pelo nosso Cemoroc.

Recebido para publicação em 31-05-20; aceito em 08-06-20